

UM OLHAR OUTRO

Continuamos no capítulo *Perseguido os pagãos tolerantes* da obra *Falso Testimonio*, de Rodney Stark. Vimos que o cristianismo não se impôs pela força nem pela vontade do imperador Constantino. Em abono da sua tese, o autor apresenta um quadro comparativo da filiação religiosa dos indivíduos nomeados cônsules e prefeitos, ao longo de quase século e meio (entre 317 e 455). Pelo mesmo se vê que o número de pagãos e de cristãos variava de época para época e de imperador para imperador. Pode dizer-se que a política de Constantino era de «pluralismo religioso», continuado também por boa parte dos seus sucessores, mesmo que nem sempre bem interpretado até por autores cristãos, como Eusébio de Cesareia (265-339), cuja História Eclesiástica foi aproveitada por autores protestantes dos séc. XVIII e XIX para dizerem mal da Igreja.

O Imperador Juliano, dito o Apóstata, governou de 361 a 363 e deu início a uma nova perseguição aos cristãos, tentando reavivar o paganismo. A sua vida foi apresentada em novela como um fracasso na tentativa de restaurar o paganismo devido ao seu espírito tolerante para com os cristãos. Diz o nosso autor que «a verdade é muito diferente»: educado como cristão mas com alguns mestres pagãos, converteu-se num pagão «puritano, ascético e fanático», comportando-se publicamente como cristão mas cultuando os deuses, até subir ao trono. Logo tentou restaurar o paganismo como religião oficial do Estado, aprovando «que vários bispos fossem torturados e desterrados», ignorou execuções sumárias de cristãos, restaurou a prática de sacrifícios sangrentos, que tinha sido ilegalizada, cortou o financiamento à Igreja mas manteve-o para os templos pagãos. Nos cargos principais do Estado, substituiu os cristãos por pagãos, o que causou enorme temor nos cristãos de voltar aos tempos da perseguição feroz.

Sabemos que o cristianismo se implantou e se desenvolveu primeiramente nas cidades do Império, enquanto nas aldeias se continuaram os cultos idolátricos do paganismo. Aliás, a palavra pagão quer dizer aldeão. Só com o tempo os habitantes das aldeias se converteram ao cristianismo. Ou seja, houve assimilação mútua de rituais: os pagãos já estavam habituados a acolher novos deuses quando contactavam com rituais cristãos. E os cristãos aproveitaram muitos rituais pagãos convertendo-os em cristãos. É o que tantas vezes se ouve dizer quanto ao natal cristão: a celebração pagã das festas saturnais, ao deus sol, passou a celebrar o nascimento de Jesus, o verdadeiro Sol, Luz que veio para iluminar a todos. «Isidoro de Pelusio, monge cristão fez um comentário numa das suas cartas datadas de 420: 'a fé pagã, que durante tantos anos foi dominante, graças a tantos e tão dolorosos esforços, tanto dispêndio de riqueza e tantas façanhas bélicas, desapareceu da terra'. Mais de 1500 anos depois, E. R. Dodds (1893-1973), eminente historiador de Oxford, exprimiou a mesma opinião: 'No século IV o paganismo dá a impressão de ser uma espécie de moribundo, que começa a desmoronar-se no momento em que desaparece a mão protectora do Estado'. Mas tal não é verdade. Durante o séc. IV e princípios do séc. V o paganismo continuava com grande robustez», diz o nosso autor, que termina assim o capítulo: «É um facto que os padres da Igreja primitiva estavam seguros de que a fé cristã era a única verdadeira e que, portanto, não podiam - e de facto não o fizeram - comprometer-se pessoalmente com ideais de liberdade religiosa. Não obstante, a Igreja não se aproveitou da sua condição de religião oficial para extirpar rapidamente o paganismo, nem mesmo os imperadores levaram a cabo tal tarefa em benefício da nova fé. Na verdade, o paganismo sobreviveu sem ser excessivamente molestado durante séculos após a conversão de Constantino, e só lentamente foi desaparecendo, conseguindo, no entanto, criar espaços dentro do cristianismo para algumas das suas tradições».

Não tem, portanto, fundamento histórico a afirmação de que a Igreja ou o cristianismo tenha perseguido os pagãos para se impor. Nem muito menos o juízo de valor de que os pagãos são tolerantes enquanto que os cristãos são intolerantes.

O Prior - P. Abílio Cardoso

UM FUNERAL VIRTUAL, MAS MUITO PERTINENTE

Não posso precisar onde li esta história cheia de graça e humor, dentro da filosofia do adágio latino: "rindo, castigat mores" (corrigindo os costumes, pelo riso). Certo pároco foi nomeado para uma freguesia bastante populosa, mas onde imperava a auto-suficiência, o ritualismo, o protagonismo e a teoria do "faz de conta". Mas bem cedo se apercebeu que o tecido social e espiritual da paróquia estava por fazer, que os crentes eram predominantemente individualistas e consumistas de bens espirituais, cumpridores de ritos e preceitos, sem dimensão missionária e apostólica. (...) Depois de rezar e de muito pensar, conclui que tinha de fazer o funeral da paróquia. Quando tal escreveu no Boletim Paroquial, os paroquianos começaram e interrogar-se sobre a sanidade mental do seu pároco. Durante a Quaresma anuncia com insistência e determinação o dia do funeral: Sábado Santo. Nesse dia, quando chegaram os paroquianos, boquiabertos, viram no centro da capela mor uma grande urna aberta, rodeada por quatro grandes tocheiros, com panejamentos a preceito. Tudo a meia luz, tendo como fundo musical o Requiem de Mozart. Disse ao povo que aquele momento era de silêncio e meditação, pedindo que numa só fila todos, mas mesmo todos, vissem quem estava na urna, onde mandara colocar previamente um grande espelho. A surpresa foi grande. Em vez do morto, era cada um deles... que estava morto. Todos perceberam a ação simbólica e profética do seu pároco.

No fim disse: «Acabámos de fazer o verdadeiro diagnóstico da doença da nossa paróquia. Nós é que estamos doentes. Nós é que estamos mortos. Nós é que precisamos de ressuscitar. Pelo batismo, somos sacerdotes, profetas e reis, mas as obras que fazemos, a vida que levamos, os egoísmos que nos determinam e escravizam, denotam que Jesus ainda não está no centro, ainda não marca o ritmo da nossa vida. (...)

António Aparício, In Notícias de Beja 29.01.2015

FRASE INSPIRADORA

"Ajuda-me a passar o hoje, e não temerei o amanhã"

São Felipe Neri

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

D. José Ornelas, bispo de Setúbal, é o novo presidente da Conferência Episcopal, sucedendo no cargo a D. Manuel Clemente. Com 66 anos, era vogal do Conselho Permanente da CEP no último mandato e está à frente da diocese sadina desde 2015, ano em que foi ordenado bispo, depois de ter sido responsável mundial pela Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos). Especialista em Ciências Bíblicas, com o grau de doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Católica Portuguesa, foi docente desta instituição académica entre 1983-1992 e 1997-2003.

Como vice-presidente da Conferência Episcopal foi eleito D. Virgílio Antunes, bispo de Coimbra, que era vogal do Conselho Permanente da CEP no último mandato e está à frente da Diocese Coimbra desde 2011, ano em que foi ordenado bispo, depois de ter sido reitor do Santuário de Fátima. Além do presidente e do vice-presidente, o Conselho Permanente inclui cinco vogais: D. Manuel Clemente, cardeal-patriarca de Lisboa; D. Manuel Linda, bispo do Porto; D. José Cordeiro, bispo de Bragança-Miranda; o cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima; e D. Francisco Senra Coelho, arcebispo de Évora.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 25 - 21 de Junho de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Não tenhais medo dos homens

A frase de Jesus bem pode constituir para o cristão um desafio permanente e difícil de seguir, apesar do reconforto que pode trazer.

Não ter medo: porque Deus nos acompanha como um Pai e não nos segue como um polícia pronto a registar uma infração. Logo, o desafio inclui um outro, o de sempre confiar em Deus porque sabemos que, aconteça o que acontecer, Ele não nos abandona. São muitos os «gritos suaves», quase segredando ao ouvido, quer no Antigo, quer no Novo Testamento, de Deus a cada um dos seus filhos. Ele «grita-nos» a libertação dos medos, que tolhem. Poderá um Deus Criador da liberdade humana suspendê-la? Ele criou-nos livres assumindo o risco de, permanentemente, tentarmos

colocar-nos no lugar de Deus.

Não ter medo dos homens: vencidos os medos de Deus (será que todos já nos apercebemos de que a religião verdadeira educa mesmo para uma relação amiga própria de pai para com o filho?), torna-se necessário vencer os medos dos homens. Sim, apesar de tantas resistências a sairmos do Deus justiceiro para o Deus que é Pai, a verdade é que a nossa experiência diária leva-nos a «estar de pé atrás» uns com os outros, reconhecendo as relações de confiança difíceis. E conhecemos a facilidade com que, de um momento para o outro, os amigos se tornam inimigos, às vezes com razões menores, mas com o orgulho «ferido».

E Jesus convida à confiança dos tempos de criança porque «valemos muitos mais do que os passarinhos».

Mas este apelo a não ter medo, nem de Deus nem dos

homens, abala e corrige as nossas convicções mais profundas. É que o medo tem de dar lugar à confiança. Mas uma confiança (atitude interior) adulta e responsável na gestão da própria «alma» e na gestão do nosso mundo de relações, o espaço do «teste» à verdade das nossas acções.

Se o cristianismo não nos traz liberdade e nos mantém no medo, é caso para nos perguntarmos «que» evangelho estamos a seguir. Não será certamente o de Jesus...

À semelhança de Jeremias que se mantém firme, confiando no Senhor, diante dos ataques cerrados à missão que Deus lhe concedera e que ele desempenhava por entre inúmeras perseguições - como ainda hoje acontece quando se ergue a voz em defesa do direito e da justiça num mundo corrupto vergado à ditadura do «politicamente correto» - também nós saibamos responder: «o Senhor está comigo. Nada temo. Nele eu sou livre do medo».

O Prior - P. Abílio Cardoso



No Dia Mundial de Consciencialização da Violência Contra a Pessoa Idosa (segunda-feira passada) o Papa Francisco lembrou que "sem idosos não há futuro". Na sua conta da rede social Twitter, o pontífice afirmou que "a pandemia da #COVID19 mostrou que as nossas sociedades não estão organizadas o suficiente para dar lugar aos idosos, com justo respeito pela sua dignidade e fragilidade. Onde não há cuidado com os idosos, não há futuro para os jovens". No Dia da Consciência, data que evoca a figura do diplomata português Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de pessoas do holocausto nazi durante a II Guerra Mundial, o Papa Francisco assinalou que esta data é «inspirada pelo diplomata português que há cerca de 80 anos 'decidiu seguir a voz da consciência». E concluiu: «Que a liberdade de consciência possa ser respeitada sempre e em todo o lugar e que cada cristão possa dar exemplo de coerência, com uma consciência recta e iluminada pela Palavra de Deus».

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XII DOMINGO DO TEMPO COMUM**
**Pela vossa grande misericórdia,
atendei-me, Senhor**
**SEGUNDA, 22 – SÃO PAULINO DE NOLA,
S. JOÃO FISHER E S. TOMAS MORE**

 Leituras: 2 Reis 17, 5-8. 13-15a. 18
Mt 7, 1-5

09.00 (Senhor da Cruz): José Maria Magalhães Pinto

15.30 (Terço): Domingos Sousa da Silva e filha

19.00 (Matriz): M.ª Laura Matos de Almeida Viana Lopes (30º dia)

**TERÇA, 23 – Leituras: 2 Reis 19, 9b-11. 14-21. 31-35a. 36
Mt 7, 6. 12-14**
09.00 (Senhor da Cruz): Maria Teresa Carvalho Moreira

19.00 (Matriz): Maria do Carmo Sousa Faria

QUARTA, 24 – Nascimento de S. João Baptista

 Leituras: Is 49, 1-6
Act 13, 22-26
Lc 1, 57-66. 80

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho

15.30 (Terço – Intenções colectivas):

 - Maria da Paz Lima Amaral e família
- Maria da Glória de Jesus e marido (aniv.)

Matriz (19.00): Francisco Duarte Carvalho

**QUINTA, 25 – Leituras: 2 Reis 24, 8-17
Mt 7, 21-29**
08.00 (São José): Familiares de Teresa Simões

09.00 (Senhor da Cruz): Em honra de São João

15.30 (Terço): Maria Rodrigues Ferraz, pais e irmãos

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

 - Maria Cândida Barbosa da Costa
- Maria Pereira Faria
- Manuel João Jesus Amaral
- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel
- Glória Barbosa da Cunha Gomes (7º dia)

**SEXTA, 26 – Leituras: 2 Reis 25, 1-12
Mt 8, 1-4**
09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

- Manuel Francisco Rios Novais e familiares

15.30 (Terço): Carla Patrícia Simões da Silva e tio Joaquim

19.00 (Matriz): Cândida Pereira Ferreira Lima (4º aniv.)

**SÁBADO, 27 – Santa Maria
e S. Cirilo de Alexandria**

 Leituras: Lam 2, 2. 10-14. 18-19
Mt 8, 5-17

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Pereira

17.30 (São José): Maria Pereira de Araújo

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

 - Cândido Oliveira da Rocha
- Paula Maria Lopes Lourenço
- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio
- Maria Fernanda Lopes Martins
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Henrique Silva Mota Faria
- José Ramos Lopes (aniv.)
- Manuel Correia da Silva (5º aniv.)
- Maria da Rosa Amorim do Rego Ferreira (7º dia)

DOMINGO, 28 – XIII DO TEMPO COMUM

 Leituras: 2 Reis 4, 8-11. 14-16a
Rom 6, 3-4. 8-11
Mt 10, 37-42

09.00 (Senhor da Cruz): Maria do Rosário Pereira

11.00 (Matriz): Pelo povo

12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade

15.30 (Terço): Maria Amélia Marcelo Braga

19.00 (Matriz): Pelos Benfeitores da Paróquia

SE TAMBÉM SOUBÉSSEMOS PARAR...

1. A vida não pára, mas nós devíamos saber parar na vida. Contudo, desabituaamo-nos de parar, de ouvir, de contemplar. O que nos torturou o confinamento! Para nós, agir é estar sempre em movimento.

2. O «chrónos» que nos domina propende a confundir acção com mera agitação. E nem sequer percebemos — como percebeu D. António Ferreira Gomes — que a agitação pode pertencer ao mais paralisante da existência. Há, de facto, muita «agitação paralisante» e muita «paralisação agitante».

3. Um dos segredos do processo educativo — assim se pensava outrora — consistia precisamente em ajudar a parar. Immanuel Kant defendia que «se mandam as crianças à escola não só para que aprendam alguma coisa, mas para que se habituem a estar calmas e sentadas».

4. Agora que as casas voltaram a ficar vazias e as ruas cheias, é imperioso que não nos mobilizemos apenas para reproduzir o que sempre se fez. Nós, cristãos, somos instados a nunca deixar de ouvir «o que o Espírito diz às Igrejas» (Ap 2, 7).

5. Será que, quando não nos «mexemos», não existimos? Não deveríamos estar atentos ao «kairós» que incessantemente nos interpela? Carlo Maria Martini ousou, no início do século, «propor uma paragem no caminho». Tratava-se de «uma pausa que nos ajudasse a situar-nos a reencontrar a visão e a retomar fôlego no tempo que atravessamos».

6. A proposta vinha num texto pastoral com o título «Nossa Senhora de Sábado Santo». O núcleo radicava no perfil de Maria, certamente a meditar em tudo o que tinha acontecido e na expectativa do que iria acontecer depois.

7. Nada é dito sobre Ela. Havia certamente um misto nesta atitude dramática e bela: a dor pela morte de Jesus e a esperança na vitória sobre a morte. A pastoral também se faz de contemplação, de uma paragem que não esteriliza, mas que prepara para grandes cometimentos.

8. Não consta que Maria se desmultiplicasse num frenesim arfante. Ela está à escuta e à espera. Sempre com a vontade de Deus a encimar a Sua conduta.

Para Carlo Maria Martini, estamos num novo «sábado do tempo». Encontramo-nos «entre o «já» e o «ainda não», devendo evitar absolutizar o hoje com gestos de triunfalismo, ou, pelo contrário, de derrotismo».

9. Nesta hora, «não podemos deter-nos na escuridão de Sexta-Feira Santa, numa espécie de "cristianismo sem redenção"». É certo que os tempos têm um certo sabor a noite, a escuridão.

10. Mais do que a nostalgia das romarias e das procissões que não poderemos fazer, «vivamos como peregrinos na noite iluminada pela esperança da fé e acalentada pela autenticidade do amor». Em vez de «fazer», deixemos que o Espírito «faça» em nós, por nós!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 16.06.2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 1131 – 5,00
- Eduardo Esteves – 10,00
- Maria Conceição Miranda – 20,00
- Família n.º 224 – 20,00
- Família n.º 226 – 20,00
- Família n.º 303 – 20,00
- Família n.º 842 – 20,00
- Família n.º 563 – 40,00

TOTAL DA SEMANA – 155,00 euros

 A transportar: 22.193,95 euros
Despesas até agora: 31.233,59 euros

PALESTRA ARCIPRESTAL – Os padres do Arciprestado vão reunir na próxima quarta-feira, dia 24, no CESM, na Silva. A agenda é a seguinte: 9h30: Laudes
10h15: Programa pastoral 20/21

CONSELHO PASTORAL – Dado que a Paróquia dispõe de instalações para reunir o Conselho Pastoral, mantendo o distanciamento físico recomendado, os conselheiros da Paróquia estão a ser convidados para se pronunciarem sobre a vida da Paróquia, sobretudo reflectindo sobre as lições deste tempo de pandemia, de modo a encontrarmos novas visões para o testemunho cristão. Espera-se de todos a melhor colaboração no desejo de, todos, melhorarmos o «estado» da Paróquia. Será no próximo sábado, às 20.00, nas salas da catequese.

ORDENAÇÕES DIACONAIS E SACERDOTAIS – As ordenações diaconais decorrerão no dia 28 de junho, às 15h30, e as ordenações presbiterais no dia 19 de julho, às 15h30. Todavia, estas celebrações estarão condicionadas pela pandemia do coronavírus, e pelas restrições que ela tem imposto, que impedem que as mesmas decorram como nos anos anteriores.

A cripta do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro está limitada na sua lotação, de modo a serem cumpridas as regras de segurança que são pedidas para as missas comunitárias. Aos que não poderão estar presentes, pede-se oração, informando também que haverá transmissão em directo das celebrações nos canais de comunicação da Arquidiocese.

São três os candidatos ao Diaconado: Miguel Rodrigues, Paulo Pereira e Pedro Antunes. Os candidatos ao Presbiterado: Diác. João Castro, Diác. Manuel Torre, Diác. Miguel Neto e Diác. Pedro Sousa.

Apela-se à oração dos paroquianos por estes jovens que se consagram ao serviço da Igreja.

OS 5 CRITÉRIOS CHAVE PARA ESCOLHER BEM OS PADRINHOS DE BATISMO DOS SEUS FILHOS

Você está planeando batizar seu filho? Uma grande decisão espera por você: a escolha do padrinho e da madrinha. Se você não quiser errar na escolha, observe estes cinco critérios principais

A hora de escolher o padrinho e a madrinha chegou. Uma escolha que não deve ser tomada precipitadamente, pois você não poderá mais mudar de ideia depois que seu filho for batizado. Aqui estão os cinco critérios a serem considerados ao fazer sua escolha.

1. Uma fé profunda

A missão número um do padrinho e da madrinha é de serem educadores na fé. Algumas crianças têm padrinhos que não acreditam em Deus ou que não praticam a sua fé. No entanto, a Igreja pede que eles sejam não apenas batizados, mas também confirmados. Pois a confirmação fortalece a fé e compromete quem a recebe a se tornar um membro ativo da Igreja. Para um adolescente, um padrinho e uma madrinha que reza e que se envolve sem vergonha na Igreja, é um guia, uma porta aberta para o diálogo sobre as questões da fé, numa idade em que muitas dúvidas aparecem sobre as questões religiosas.

Certamente, qualquer adulto pode passar por provações e momentos de dúvida, mas um padrinho próximo de Cristo mostrará a seu afileado o caminho da perseverança humilde e fiel. O padrinho e a madrinha não são meros fornecedores de presentes, eles indicam a estrela a seguir. O padrinho tenta levar seu afileado a Jesus, mostrando-lhe o quanto o Pai e o Espírito estão trabalhando em sua vida, em seu coração.

2. Uma amizade exemplar

É esperado que os padrinhos sejam um apoio para os pais em caso de dificuldades, principalmente durante a adolescência. Não tendo a responsabilidade de dar discursos de autoridade, o padrinho e a madrinha devem oferecer seu tempo e conselhos ao afileado. Uma vida segundo os valores do Evangelho tem, portanto, um valor exemplar, e a criança que encontra em seu padrinho ou madrinha um guia para a vida recebe um real presente. A cumplicidade entre o padrinho e o afileado é um vínculo poderoso com o qual a criança poderá se agarrar em caso de dificuldade. Mas esse apego alegre e fiel, essa cumplicidade, se baseia no modelo de amizade entre os pais e os padrinhos. Portanto, ao escolher os padrinhos dos seus filhos, os pais devem ser sensíveis à profundidade da sua amizade. Quanto mais estreita for essa amizade, mais a relação é viva e mais a criança terá o desejo de partilhar dessa amizade.

3. Um coração aberto e generoso

É difícil para um jovem pai com uma família numerosa cuidar de seu afileado. Assim como algumas madrinhas podem ficar frustradas porque têm muitos afileados e não conseguem passar muito tempo com eles durante as férias. Da mesma forma, crianças cujo padrinho mora no exterior também não terão muitas oportunidades de compartilhar momentos de cumplicidade com ele. Em geral, escolher alguém que não tenha muito tempo para os entes queridos ou amigos como padrinho pode parecer perigoso. Concretamente, a relação entre um padrinho e seu afileado é construída ao longo do tempo, vivida em conjunto através de reuniões, partilhas e, idealmente, desde a idade mais jovem da criança. O que mais importa não é necessariamente a duração desses momentos, mas a sua qualidade: é a generosidade e a abertura das pessoas que fará a diferença.

4. Maturidade suficiente

Quando o padrinho ou madrinha ainda é muito jovem, será que ele é maduro o suficiente para assumir essa responsabilidade? Se ele ainda é imaturo em relação à fé, mais tarde pode mudar de ponto de vista, abandonar a vida cristã. Como precaução, a Igreja solicita, portanto, que os padrinhos recebam o sacramento da confirmação, mesmo se ele já é capaz de testemunhar sua fé ao afileado.

5. Uma escolha livre

Em algumas famílias, os critérios para escolher os padrinhos são muito mais uma questão de convenção do que uma escolha pessoal. Onde estão então a nossa liberdade e responsabilidade? É importante escolher pessoas de quem realmente gostamos. É possível escolher alguém como forma de agradecimento: um membro da família que seja celibatário, um casal sem filhos, um amigo que foi padrinho de casamento, uma prima que nunca foi madrinha ou uma cunhada que não pode ter filhos. Essas motivações não são ruins em si mesmas, mas não podem ser uma escolha vinda de um sentimento de culpa ou obrigação.

Navegar serenamente entre todos os padrinhos possíveis não é uma tarefa impossível, desde que você tenha em mente duas coisas: liberdade e verdade. Pedir a escolha certa em oração é oferecer ao seu filho uma bela estrela para avançar em direção ao Pai.

Laetitia Grenet e Anna Latron, © Shutterstock, Edifa | Fev 12, 2020